



GIL VICENTE

Semanario monarquico-integralista
(Literario e Noticioso)
Orgão e propriedade da
Junta Municipal de Guimarães
Redac. e Adm.: Aven. do Comercio, 114

VISITAÇÃO
Pardiez! siete arropelones
No peçaron a la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascosnes
VAQUEIAS

Director — D. José Ferrão
Editor — M. A. d'Oliveira
Comp. e imp.: TIP. LUZITANIA
Rua Gravador Molarinho, 47
GUIMARÃES

Na comemoração do sacrificio que tão alto proclama a nossa fé no resgate da Patria pelo triunfo da Monarquia Nova, saudamos com lagrimas a virtude heroica daqueles que nos combates do Norte e na Serra de Monsanto, tiveram a gloria de cair mortos sob a benção da Bandeira Azul e Branca, simbolo da Patria, e todos quantos a preço do seu sangue, pelo martirio dos carcereiros ou na dor do desterro, afirmaram e afirmam a força inquebrantavel das suas convicções, na defesa da tradição e da honra de Portugal.

Ao comemorar a data do holocausto, sentimos bem que a melhor consciencia da Raça aclama nele o sinal glorioso do seu patrimonio eterno e o protesto contra a vergonha opressiva de um regimen imposto à Nação para a sua ruina e para o destino criminoso de a conduzir à morte.

Portugueses! A nossa divisa — Pola Lei e Pola Grei — alevanta-se em voz de comando a unir-nos para o combate à tirania republicana e liberalista que escravisa ao interesse de uma facção odiosa, as aspirações de ordem, de grandeza e de prosperidade da terra sagrada da Patria!

UMA LIÇÃO VIVA

Na larga e já longa batalha dos que vieram oferecendo à Nação o sacrificio da liberdade e da vida, os protestos armados do Norte e de Monsanto marcam a fase decisiva do duelo entre a Monarquia que foi e a Republica que ainda é.

Perdemos. E agora, serenamente, sem desesperos inuteis, sem acrimonia para ninguém, é tempo de perguntar: Porquê?

Não foi por falta de soldados que os houve e dos melhores, por se terem poupado vidas ou sacrificios, por nos serem superiores as forças dos adversarios. Não.

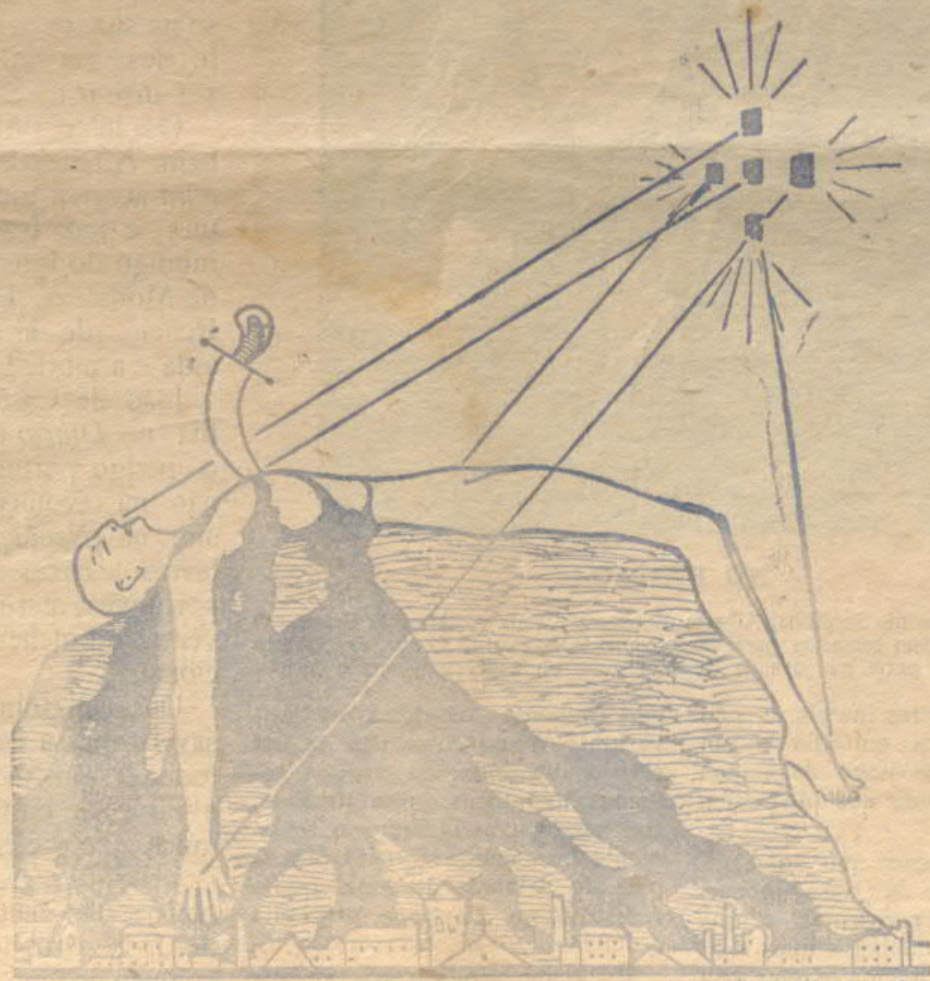
Porque se perdeu a monarquia do Norte e de Monsanto em 1910? A esta pergunta tem respondido relatorios de comandantes, suspeitas de traição, gritos de dor, explosões de sentimentalismo que, num esforço supremo de instinto, pretendem desculpar-nos a nós proprios e como que justificar ainda a nossa esperança.

Mas, acima de todas as razões alegadas, algumas das quais constituem só por si, energeticamente desmentidos a capacidade organizadora dos dirigentes monarchicos, eleva-se a certeza de que, então como hoje, a causa monarchica sofria uma grande crise — a crise do proprio pensamento monarchico. Sem unidade nos principios, não é possível a unidade de acção nem se compreende o beneficio da unidade do comando que de dentro ou de fora das fronteiras conduziisse e desse finalidade ao heroico esforço dos batalhadores da Monarquia.

Em 1910 a Republica fazia-se na Rotunda, porque já estava proclamada na convicção geral do País e até dentro do proprio Palacio Real e dos quartéis da tropa.

A Republica foi possível á custa do descredito da Monarquia e desse descredito ainda tem vivido, através deste calvario de escandalos, de crimes e de ruina, porque a Monarquia, *desacreditada*, com razão e sem razão, nunca conseguiu rehabilitar-se.

Contra a Republica, os jornais que representavam ou representam a tradição da Monarquia Liberal, só tinham a opôr os homens, os processos, os vicios que haviam dado viabilidade á sua propria queda. Não lhe opunham ideias, não lhe opunham programa, porque teriam de oferecer as mesmas ideias e o mesmo programa de qualquer partido republicano. A sua opposição era meramente a de um partido exilado do governo contra o partido que disfrutava o poder, era um caso de embate *rotativista*, como poucos anos antes poderia ser observado entre dois partidos constitucionais, degladiando-se entre as folhas da Carta. Na verdade, que opôs a Mo-



narquia de 1910 á Republica de 1910? Tentativas revolucionarias, conspirações, artigos de jornal.

Não lhe contrapôs uma doutrina, não se lhe apresentou com a superioridade de um plano de salvação publica, não corrigiu erros, não emendou disparates.

A Monarquia *fôra melhor*, só porque a Republica era *pessima*; se a Republica fôsse aquilo que muitos republicanos então sonharam, certamente muitos mais monarchicos a aceitariam, porque, á quasi totalidade deles, ela se apresentava como uma conquista de aperfeiçoamento politico.

Mas nem todos os monarchicos se fizeram cúmplices da Republica, nem todos se conformaram com ela nas razões do seu pensamento.

Se a Republica era a expressão logica da Monarquia de 1910, sem Rei, tornava-se necessario, para qualquer acção ser eficaz que se combatesse com igual desassombro uma e outra das mentiras politicas.

Desta necessidade nacional nasceu o Integralismo Lusitano que, pelo seu baptismo, logo ficou colocado entre dois fogos: o desdém dos conselheiros e o odio dos jacobinos.

Uns e outros lhe dificultaram a vida, mas só os conselheiros se amaram na esperança de lhe dar a morte. O Integralismo Lusitano, escola de monarchicos, foi

acusado de *impedir a restauração* da monarquia e os seus dirigentes, por cumprirem o seu dever, tiveram a honra de ser insultados pela canalha dos filhos da Carta, como não ousara fazê-lo a mais criminosa e repulsiva canalha jacobina.

Depois, as circunstancias impuseram ao Integralismo Lusitano uma mudança de tactica. Atraídos pela sugestão e quem sabe se pela ambição do triunfo imediato, muitos soldados integralistas correram a alistar-se nos cadernos eleitorais em cujas folhas os representantes da monarquia do senhor Dom Manuel reunem e resumem todo o arsenal da batalha contra a Republica.

Os meses passam, os anos vão tambem correndo, e ontem como hoje, como ha dez, como ha treze anos, nenhuma opposição de principios foi feita á Republica, senão aquela que o Integralismo Lusitano inicialmente inspirou e constantemente afirma e mantém.

E neste quarto aniversario de Monsanto, sacrificio de lealdade aos que no Norte levantaram o grito de "aqui d'El-Rei", a plutocracia republicana apoia-se na finança manuelista, grande parte dos beneficiarios da ruina nacional dizem-se monarchicos e de tal categoria ainda ninguém pensou des-



Carlos de Ornelas
Combatente do Norte

Por um futuro melhor

Lição e exemplo para lembrar nesta hora, mais que nenhuma afflictiva, quando a ideia de Ditadura começa a preocupar mesmo os espiritos atórgora fechados á noção de autoridade, é a que encerram os dias nevocentos desse Janeiro de 1910, em que para sempre pareceu perder-se a possibilidade duma restauração monárquica.

É talvez cêdo ainda para instaurar o processo da acção revolucionaria, tanto do Norte como de Monsanto. O que porem não pode esquecer-se é que, desde então, também o chamado Partido Monárquico, porque enferma dos mesmos vícios que os partidos republicanos, entrou como eles a decompôr-se, mostrando a sua impotencia para a lucta e a sua incapacidade para resolver os graves problemas de que já agora depende a vida da Nação.

Republicanos e monárquicos estão sendo reus do mesmo cri-

trui-los: os deputados eleitos pelo sufrágio dos cartistas vão arrastando o seu fadario de partido constitucional da opposição, cujo leader não foi ainda chamado a Belem, dispensando-se de apresentar á discussão um plano de salvação publica, embora com a certeza de que lho rejeitariam; o Rei continua a gozar a tranquillidade do exílio e cá dentro, monárquicos e republicanos entendem-se maravilhosamente em todos os golpes de lucro, em todas as negociações em que é preciso caminhar, corrompendo.

Amigos: livre, alta, pura e redentora é a nossa esperança. Sem ela, teria-mos o direito de renegar uma Patria que se tornou um pantano e refugiar-nos na saudade. Não. Enquanto o estomago digere, a intelligencia vela. Enquanto a comesaina se faz e o paroxismo vingador se aproxima, cuidemos de nos unir, de nos fortalecer, organizando-nos pela honra e pela gloria do Portugal de amanhã!

A nossa hoste não desfalece, não se cansa, não se vende. Se ela hasteia o pavilhão da verdade, demos á verdade politica, agora e sempre, a nossa esperança mais firme, até ao dia em que lhe oferecermos o sacrificio da vida que lhe pertence.

HIPOLITO RAPOSO.

me. Por culpa deles todos vão morrendo as ultimas energias nacionais e ha quem se atreva a agourar a perda da independencia.

Os republicanos abriram a cova á nacionalidade, e os monárquicos vêm passar o enterro da Patria, os olhos enchutos, braços cruzados, sem que uma onda de revolta lhes tome o coração e os empurre a barrar o caminho!

Lazaro morre, e não tem quem á beira do esquife lhe murmure a palavra de resgate. Dir-se-ia sangue perdido o sangue dos soldados cahidos nas guerrilhas da Restauração.

Da veiga de Chaves aos campos de Aveiro, e de lá ao reduto de Monsanto, sobe em vão o grito das sentinelas derrubadas pela morte, ainda álerta no fundo das sepulturas, clamando aos vivos o seu dever.

Vai levado no vento o clamor dos sacrificados, e, só porque ninguém o entende e quer ouvir, fingem não ter remorsos os responsa-

nhor Dom Manuel e não refletisse o seu pensamento.

O Pacto de Paris não deu os bons resultados que era licito esperar d'ele, — é necessario confessar-lo —, apenas porque o *Correio da Manhã*, — direi melhor, quem o dirige, — se empenhou em destruir, peça por peça, as razões em que assentava.

É preciso varrer a feira e expulsar os vendilhões. A doutrina monárquica tem sido trahida pelo *Correio da Manhã*, ainda ha dias o reconheciam, num documento notabilissimo, alguns dos mais valiosos elementos da propaganda realista, cuja opinão é mais que nenhuma autorisada, porque muito de perto seguiram a acção nefasta dessa gazeta.

Comecemos por pôr *the house in order*.

E esta é a lição do dia que hoje comemoramos.

Triunfante que venha a ser a ditadura que se anuncia, a causa monárquica irá cahir outra vez



NO EXILIO

Os Srs. Drs. Antonio Sardinha, Alberto Monsaraz e Luiz de Almeida Braga. O primeiro e o ultimo tomaram parte no movimento do Porto. O sr. dr. Alberto Monsaraz tomou parte na jornada de Monsanto onde foi gravemente ferido.

veis dessas mortes inuteis e não veem, abrazados em odio e em amor, erguer de novo o pendão da revolta e acudir aos que pedem vingança!

Que fazem esses que se arrogam a direcção da Causa monárquica e dizem representar o que no paiz ha de melhor e mais são! Onde estão ao menos os seus propósitos de governo? Em que se revela a sua intenção de intervir eficazmente na marcha dos negocios publicos?

Mumias empalhadas, respondei! Cinco anos vão passados sobre a ultima revolução monárquica, e em todo este tempo, com ameaças de toda a ordem envolvendo a vida nacional, nenhum protesto verdadeiro ergueram, nenhuma decidida vontade mostraram capaz de restaurar as tradicionais instituições da Grei.

Toda a acção monárquica se resume hoje ás boas piadas do *Correio da Manhã*...

Orgão da traição nacional, bandeira mentirosa, só essa folha seria culpada das ruínas em que se encontra a causa da Monarquia se, na verdade, o jornal não contasse com o aplauso dos altos corpos dirigentes do partido do Se-

ingloriamente exangue no calvario de Monsanto se não se decidira a abandonar de vez os sofismas liberais que a atrofiavam, ordenando-se seriamente e seriamente formulando aqueles princípios de salvação nacional que o *Integralismo Lusitano* proclama e defende.

Eu tenho ainda confiança na vocação espiritual da Patria. Seja contra tudo e contra todos embora, não deixemos apagar na nossa alma a flama da fé onde se acendem as melhores energias da vida.

No seu ultimo livro, agora mesmo aparecido, *«Une Enquête aux pays du Levant»*, que não se pôde lêr sem dolorosa emoção porque de algum modo é como o seu testamento literario e moral, escreveu Barrès estas palavras, dignas de Goethe, e que relevam o segredo da sua fé iluminada: *«Il s'agit pour chacun de nous qu'il trouve en soi la source cachée de Penthousiasme. Il s'agit que chacun devienne lui-même à la plus haute puissance»*.

Vivamos exaltadamente. A desesperança é o maior pecado e o mais triste.

LUIZ D'ALMEIDA BRAGA.

A lição de Monsanto

Cinco anos passados sobre esse momento doloroso, a fé nos destinos da Patria não está perdida: o que se perdeu, e totalmente, foi a confiança na intelligencia dos chefes. Um general que invariavelmente conduzisse os seus soldados á derrota, disse-o Renan, não poderia nunca ser considerado um bom chefe militar. E os chefes monárquicos portugueses, de 1910 até hoje, ainda não fizeram mais do que conduzir os seus soldados á derrota! Ou estão quietos — e um chefe que não se mexe não é um chefe — ou mexem se, e logo se abrem as portas dos cemiterios, das prisões e do exílio...

De 1910 para cá, tantas vidas perdidas, tanto sangue sacrificado, tantos holocaustos individuais á Patria que quer redimir-se, para que a Patria se redima, — e todos esses sacrificios inuteis! A chamada *Causa Monárquica* está reduzida a um jornal diario, onde ha colaboradores que no momento do perigo, como em Monsanto, se recolhem «A casa amiga, á espera dos acontecimentos», como de si proprio escreveu o sr. Pimenta. E é neste jornal, cujo director tambem esteve longe de Monsanto, não sei se em casa amiga, se na sua, que ha o atrevimento de chamar aos integralistas *soi-disant* monárquicos...

Os integralistas bateram-se bem. A redacção d'*A-Monarquia* acorreu toda ao toque de unir e toda fez fogo contra o inimigo do interior, e o conde de Monsaraz, e o dr. Pequito Rebelo, de lá vieram entre a vida e a morte!

João de Castro disse outro dia no *Diario de Lisboa* que o perigo português consistia, não na revolução social, mas sim na *dissolução social*. Palavras exactas. A sociedade portuguesa dissolve-se em proveito do bolchevismo internacional.

Dessa dissolução é responsavel a massa conservadora de todo o paiz, e á frente dela, a direcção da Causa Monárquica, que pretende interpreta-la e dirigi-la. A lepra que nos corroe não vem, pois, apenas do lado republicano; vem-nos tambem do lado oposto da barricada, dos monárquicos de *carnet-mondain* e da missa da uma, no Loreto, que são os melhores associados dos republicanos nos negocios escuros do regimen, os seus cúmplices na especulação sobre a miseria nacional, á margem do código.

Com tais chefes na paz e na guerra, a Monarquia nunca mais poderá ser a salvação de Portugal. Não vale a pena voltarmos a Monsanto para repôr nos seus logares uns tantos conselheiros na disponibilidade á porta da Havaneza e da Marques. Nem mesmo aos banqueiros talassas ou conservadores convem que se volte á revolução, porque pre-



Dr. José Pequito Rebelo
Da Junta Central do Integralismo, gravemente ferido em Monsanto.

Hora Nova

Ao lembrar o sacrificio heroico de Monsanto e do Norte, como devem sentir-se orgulhosos aqueles que nele tomaram parte.

Orgulhosos porque o seu sangue não correu inutilmente. Orgulhosos porque esse sangue, caindo na terra maninha da Patria, a fertilizou, fazendo surgir dos monturos as fl res da Ideia Nova que hoje abraza os corações e os espiritos, anjosos de Luz e de felicidade.

Orgulhosos porque o espirito que fez perder a jornada de 1910 — o espirito defectista do liberalismo, o espirito conselheiral — agonisa.

Orgulhosos porque agonisante está tambem a organização que incarna e defende esse espirito derrotista.

A Hora-Nova, a Hora-Resgate aproxima-se a passos rápidos.

Nada a poderá evitar — nada poderá obscurecer o seu brilho radioso.

Como morcegos, os fantasmas do liberalismo e da republica — *formigas e conselheiros*, todos de cambalhada — vão fugindo ante a luz que ha de acabar por cegá-los.

De modo que, quando o momento chegar, talvez não tenhamos necessidade de os correr — a pontapé...

CARLOS D'ORNELAS.

ferem que a republica se mantenha, para por seu intermedio continuarem a explicar a nação exausta. Quando chegar o dia de se fazer uma revolução salvadora, os culpados immediatos da nossa ruína hão-de ser inexoravelmente castigados, — *sejam eles quem fôrem e estejam onde estiverem!* —; e essa revolução não se fará, certamente, só para voltarmos ao regimen de 1910: as necessidades imperiosas da salvação nacional conduzir-nos-hão por trilhos bem diferentes dos enlameados trilhos parlamentares e liberais.

Monsanto foi a condenação dos actuais chefes do movimento monárquico: enquanto eles subsistirem e pior do que isso, enquanto a sua mentalidade subsistir, Portugal não sairá do abismo que o devora.

AUGUSTO DA COSTA.



Na hora extrema

DEPOIS DE MONSANTO

*Dei tudo á Patria, á Patria empobrecida
Sonhando o Portugal duma outra Era;
E por fim, após tudo o que lhe dera
Dei-me a mim proprio, dei-lhe a propria vida.*

*Em tantas horas más de ansiosa lida,
Horas da fé mais viva e mais sincera,
A missão que o meu sangue me impuzera,
Foi sempre, até á ultima, cumprida!*

*Religião! Monarquia! — duplo signo,
A' luz do qual três vezes me persigno,
Contente por ter feito o meu dever...*

*Já os sinto Amanhã, já os contemplo:
Tantos moços que seguem meu exemplo,
Bem dita a morte assim, se isto é morrer!*

Hospital de S. José — Janeiro de 1919

ALBERTO MONSARAZ

BALADA DO VENTO MAU

Nestas manhãs baças e frias de Janeiro, quando o céu é cor de cinza e o sol é fôco e feio como a melancolia, o espirito acobrunha-se, a alma encarquilha-se, o pensamento enrodilha-se nos trapos de um torpôr estupidificante e regelado. Teimoso, agreste, traíçoeiro, o vento passa, o vento uiva, o vento chora. O vento que passa não desperta já aquela indefinida nostalgia do Outono, em que a ronda das folhas mortas crepita e marulha em bailados rítmicos e cadenciados de minutos de além tumulo: já não ha folhas que caiam das ramarias altas; tudo agora é nu hostilidade e tortura. Pelos beirais dos telhados, pelos fios do telegrafo, pelas ruas estreitas e érmias, o vento uiva desabalado e medonho, uiva como um lobo faminto fugindo á neve; uiva como o mar irado em dias borrascosos de naufrágio e perdição; uiva como as almas penadas, tristes, vagabundas, almas dos que morreram sem réstea de graça, almas dos que viveram sem caridade nem justiça, almas errantes que arrastam ainda para além da vida a dôr de uma vida sem carinho nem perdão. O vento chora alucinado e raivoso, ou amargurado e humilde, e o seu chorar já não tem a doçura, a saudade, a máguia, do incerto vento do Outono, o vento de Janeiro chora a viuvez da Terra e o seu chôr é um gemido de miséria; chora a tristeza das coisas, o egoismo dos homens, a pusilanimidade das almas; chora como um engeitado dos tempos ás portas geladas do Inverno; e o seu chôr é mau, é farioso, é barbaro, é cruel.

Inquietam-se as almas na inquietada balada do vento, remuinham no seu macabro dançarinar de louco, ladram ás nuvens cinzentas, e cospem contra o sol melancólico e feio que não dá luz, nem sombra, nem calor. Ai, a tristeza maldita e amarfanhadora destas desoladas manhãs de vento frio, de vento agreste, de vento ruim de tragedia e de agonia!

O pensamento agachia-se como

um cão maselado e friorento; encolhe-se e concentra-se no antro sombrio de satânicas divagações, e ruma ferocidades que arranhem como as garras do tigre, que esganhem como os aúeis potentes de uma giboia enraivecida.

E, como o pensamento se animalisa, logo a vontade se aniquila. Um desejo vago e doloroso de anulação ou de esmagamento volteia, e salta, e acaricia a alma angustiada nos raros momentos em que o vento se acalma e tudo parece boiar no grande silencio que precedeu o mundo. Mas logo a rajada cortante bufa como um grande touro em que cravassem bandarilhas de fogo; uiva outra vez o vento mais forte e mais brutal, e insulta, e grita, e brama, e tem desesperos de besta perseguida, e guinchos de coruja, e relinchos de égua com cio, e ora depois em rugubres lamentos arrancados á dôr universal, chora em gemidos lamuriados de pedinte; chora, e o seu chôr dextorado e sinistro rasga-se ás vezes em gargalhadas de escandalo que arripiam, em tremulos roucos de fera moribunda que tólihem e espantam a sensibilidade que espreita. Mas, como o dia avança, rasgam-se, dissolvem-se, pulverizam-se, somem-se as nuvens. O vento amaina em funebre quietação. Empasta-se mais nitido, o sol contra a concavidade desmaiada do céu azul. E, desanuviado o espirito, a alma espanja-se á melancolia do sol de Inverno. Não chora, nem uiva, nem dança o vento. Tudo convida á lembrança das horas que não voltam; o sol que arrastou o frio para longe, arrasta-me a memória até aos longes quasi indistintos da insurreição de Janeiro, só reconheciveis na saudade da camaradagem, do sacrificio e da gloria.

Como os melâdos crisantemos do fim do Outono, assim as illusões se me desfolham. Com as illusões que se fanam, as saudades aumentam; agigantam-se, enchem o vácuo enorme dos desenganos, o vasio triste de onde arranquei a baldia estôpa do preconceito e do erro. Jornada esperançosa e alegre de 19 de Janeiro, não fóras tu protesto, e grito de rajva, e batismo de fogo, e nupcias heroicas de

sofrimento e de sangue, e passarias despercebida e anonima no calendario épico do nosso combate á Democracia! Não é já o bélico entusiasmo da batalha, não é cheiro da polvora, não é a momentanea alegria da victoria, não é a raiva e a tortura dantesca da derrota, que nos fazem recordar, hoje como no instante em que a luz da Verdade se fez em nosso espirito, aqueles dias de mal compreendida epopeia. Para além dessa alvorada, que a nossa imaginação adolescente tingia das mais risornhas colorações, um vasto campo de batalha se estende em que a Ideia Nova levou de vencida a secular impostura de um regimen falido. Recordar á luz da Ideia o que foi essa batalha, seria fazer uma vez mais a historia da Democracia em Portugal, seria arrancar á fatalidade o laço de responsavel pelo fracasso da restauração constitucionalista, seria encontrar, finalmente a logica da derrota. Mas, os olhos que já hoje se fixam mais no futuro que no passado, não querem maguar-se na análise crua dos acontecimentos, e preferem inundar-se de esperança e de ilusão. Voltando a memoria ao passado saudoso, que formidavel lição de vida, de alegria, de sinceridade, nos dão esses vibrantes, esses intensos dias de Janeiro de 1919! E' uma geração inteira, mal

em Monsanto e no Norte e que para ni deixamos estendida a apodrecer até que a devorem os côrvos da anarquia. Porque isso que ainda maligna os turvos ares da nacionalidade, isso que escorreu das vielas da Sé e das ravinas de Monsanto, já não é uma Democracia, já não é um regimen, já nada é nem representa como instituição e como forma de governo. E' o caos, é a perdição. E' a carcassa hedionda e desprezível de uma ideia, que amarra os ossos num manteu vermelho e equilibra um barrete frigio na caveira esburgada.

No calendario épico do nosso combate ás instituições democraticas, o dia 19 de Janeiro não é, já agora, apenas de saudade e de orgulho, de gloria e de camaradagem que enterneco.

Evocar essa data é ter presente na memoria a agonia miseravel do Constitucionalismo e da Republica, é repassar pelos olhos uma lição formidavel e mestra. Reler essas paginas de uma curta historia avivada de esperança e sombreada de desesperos, é iluminar a alma com os clarões violentos de uma fé indefectível, é ungi-la com o suave balsamo de uma estoica, de uma cristianissima re-

e de gloria nos labios que riem, nos labios que resam, nos labios que beijam com devoção, nos labios que cantam por amor. E' cantando que eu tenho evocado sempre a insurreição de Janeiro, cantando como um rouxinol de sacrificio, como uma torrente de sangue resgatador. Venho cantando o martirio e a gloria como um trovador de barbaras baladas, de nórdicas epopeias. E a minha voz, evocando a jornada esperançosa que foi protesto de uma geração rebelada contra a infâmia, e grito de raiva, e batismo de fogo, e nupcias heroicas de sofrimento e de sangue — já não tem a harmoniosa cadencia do mar irado espumante, desgrenhado e bramidor, nem a serenidade magastosa e terna, e alva do doce luar de Junho, maguado e frio.

E' feita agora de gritos e de brutaes imprecações que são quasi blasfemias, a minha rouca voz de profeta da Revolução; agora que o dia declina, e o sol arrefece nos céus mais melancólico e mais frio, e a cinza das nuvens peneira frialdades desoladoras na alma confrangida, e o vento regressa na tarde ao seu obstinado fidario de louco bailarino da raiva e da tristeza, ai, a tristeza maldita, a tristeza amarfanhadora destes dias nostalgicos e inquietos; estes desolados dias em que a rajada cor-



NO PORTO — O 19 de Janeiro

As tropas formadas em frente do Governo Civil afim de prestarem continência á bandeira Azul e Branca

despertos ainda o sentido e a vista para as maldades do mundo, que comunga e que crê no mais puro ideal nacionalista, e que logo tem fabre de luta, delirios de sacrificio, ansias heroicas de estridentes combates. Iniciada a vida nesse curto periodo de tensão nervosa que foi o Dezembrismo messianico e ôco, ela passou aavez da metralha, da imbecilidade e da incerteza da insurreição de Janeiro como um raio que atravessa as nuvens e vem ferir, e esgalnar, e aniquilar, e derrubar o castelo sob barbo de principios caducos. A minha geração, a mocidade sangrada e torturada e vendida pelos embusteiros do conselheirismo, foi esse raio de fatalidade e de destruição que arrasou os baluartes da Carta e da Democracia. Lembrando a data gloriosa pela explosão de fé e de entusiasmo que se fez nas almas, o pensamento anula-se, ajoelha, esmaga-se perante os mortos, perante os crucificados, os martires, as victimas, os vivos e os mortos que venceram, na propria derrota, a primeira grande batalha contra a Democracia: essa Democracia que fugiu espavorida das nossas espingardas sem balas, da nossa alegria sem nuvens, da nossa mocidade sem mancha; essa democracia que arcabuzamos

signação. E é preciso ser cego para não ver a alegria com que começamos uma nova e mais gloriosa jornada: o combate demorado e decisivo em que todo o erro e toda a injustiça serão esmagados pelo nosso braço vencedor; é preciso ser surdo para não ouvir a raiva impotente dos nossos inimigos que asfixiam no vácuo de uma doutrina esterilicante esses pobres sicários de uma coisa que já foi ideia e que vive apenas da pilhagem de alheios principios e do saque descarado á riqueza e aos sentimentos de um povo. Ponto ensanguentado da nossa decisiva partida para a conquista do futuro até á victoria ou até á morte, nós conseguimos arrancar da derrocada insurrecional de Janeiro o segredo da confiança, da tenacidade e da fé.

Marcha decisiva que só acabará na victoria ou na morte, que gira vida em cada passo e deixa um rasto luminoso de convicções e de heroismos: marcha gloriosa para o derradeiro combate que ha-de rajar de sangue o alvorecer rosado de uma Nova-Era — nós caminhamos marciais e alegres, braço com braço, hombro com hombro, alma com alma, um alto sentido da Vida e de Deus na alma, um belo canto de amor

tante e perversa tem bufidos selvagens de touro espicado com bandarilhas de fogo; ai, a esmagadora amargura destes dias que só tem vento, um vento frio, um vento agreste, um vento ruim de miséria e de indefinida agonia! Ouvi-lo, é esquecer o passado, desconhecer o presente, abjurar o futuro. E' congelar o cerebro, e encarcerar o pensamento, é dispersar o espirito, é comprimir a alma. Lá fóra, nos beirais dos telhados, na rama esquelética das falas, nos fios estupidos do telegrafo, o vento passa ao cair de um sol macambuzio que já não dá luz, nem sombra, nem calor; o vento uiva como as almas penadas, tristes, errantes, vagabundas; o vento chora, alucinado e raivoso, como um engeitado dos tempos ás portas geladas do Inverno.

Teimoso, agreste, traíçoeiro, o vento passa, o vento uiva, o vento chora!...

Bombarral, Janeiro-1924.

CESAR D'OLIVEIRA.

Assina o "Gil Vicente."

**ESTABELECIMENTO DE MODAS,
FAZENDAS BRANCAS E MIUDEZAS.**

Sedas, pelúcias e veludos. Tecidos para vestidos em lã e algodão.
Tecidos para forros em seda e algodão.
Espartilhos da fabrica SANTOS MATTOS.

Salgado - Guimarães

Casa High-Liff

Modas e Miudezas. Chapéus para
senhora e criança

TOURAL

GUIMARÃES

**A TENTADORA
BERNARDINO ALMEIDA & COSTA, L. DA**

Fazendas brancas, Modas e miudezas
ESPECIALIDADE EM BORDADOS DE GUIMARÃES
CAMISARIA, GRAVATARIA E PERFUMARIAS

420, Rua da Republica, 422 e 422-A

Sempre as maiores Novidades. Exposições Permanentes.

MATERIAIS PARA CONSTRUÇÃO

DEPOSITO DE CAL, CIMENTO, TINTAS, VERNIZES
E ARTIGOS CONCERNENTES
PARA PINTOR E CAIADOR.

A Casa que mais barato vende.

Amandio Teixeira de Carvalho

Rua Dr. Avelino Germano—GUIMARÃES.

A ULTRAMARINA

Nova Agencia de Passagens e Passaportes

UNICA CASA QUE NA CIDADE DE GUIMARÃES
PODE TRATAR, CUJO AGENTE OFICIAL É

João Esteves

RUA ELIAS GARCIA (Antiga Rua de Santa Maria)

GUIMARÃES

Esta casa que acaba de abrir legalmente habilitada pelos
Ex. mos Srs. Ministro do Interior e Comissario Geral dos Serviços
de Emigração, trata de todos os documentos necessários para obter
passaportes com destino ao — BRAZIL, ARGENTINA, FRAN-
ÇA, AFRICA e HESPANHA e mais nações da America e da
Europa. Trata-se de passagens para toda a parte, nos melhores
vapores de todas as Companhias de qualquer nacionalidade.

Dar a preferencia a esta casa é obter a certeza de nunca
terem margem a qualquer reclamação.

O proprietário desta casa procurará todos os meios para
que os seus passageiros sigam ao seu destino o mais rapido pos-
sivel, para, assim, se tornar conhecido o seu nome e a sua casa.

Procuram e peçam informações á ULTRAMARINA e
estas serão dadas gratuitamente.

Dirigir CORRESPONDENCIA ao AGENTE OFICIAL

JOÃO ESTEVES

Passagens e Passaportes — Guimarães.

CARTILHA MONABQUICA

CARTILHA DO OPERARIO

PREÇO DE CADA 500 REIS

Pedidos a administração do nosso jornal

LEIAM

A NAÇÃO PORTUGUESA

:: REVISTA MENSAL DE ::
CULTURA NACIONALISTA

Director: DR. ANTONIO SARDINHA

Redacção e Administração:

LARGO DO DIRECTORIO, 8-3.º — LISBOA

Modas e Confecções

JOÃO RIBEIRO

ALFAITE

Rua 51 de Janeiro, 45

GUIMARÃES

CARPINTARIA VIMARANENSE

A MAIS ECONÓMICA

Rua Elias Garcia (Casa do Arco) — Guimarães

Encarrega-se de todos os trabalhos de construção civil com segurança.

Gil Vicente

Preço da assinatura
(Pagamento antecipado)

	PORTUGAL
Ano	25000 reis
Espanha	90000 »
África	100000 »
Brazil	120000 »
Numero avulso	3150 »

Preço das publicações
(Pagamento antecipado)

Anuncios e comunicados, linha	100 reis
Repetições, por linha	150 »
Permanentes, contrato convencional.	
Reclamos no corpo do jornal, até 5	
linhas, cada um	20000 »
Anuncios de publicações que o mere-	
çam, mediante dois exemplares gratis.	
Anuncios, não judiciaes, para os ars. assi-	
stantes, 20 por cento de abatimento.	

Gil Vicente

ANO V N.º 174

2.ª Série N.º 51

Es. mo Ssr.